

Ação Social

SEMANARIO CATHOLICO

(COM APPROVAÇÃO ECCLESIASTICA)

Redactor principal

Padre Alexandrino José Leituga

Propriedade da

Empreza da "Ação Social"

Editor,

João Agostinho Landolt

Redac. e Administração—Rua Visconde de Leiria, 10

ASSIGNATURAS:

Anno	1200	— pelo correio	1350
Semestre	600	—	675
Brazil e Africa, anno			2800
Numero avulso		40 reis	

ANUNCIOS:

Socção d'annuncios, por linha — corpo 12	60
Repetição, por linha	50
Comunicados, por linha	60
Annuncios permanentes, contracto especial	
Desconto aos srs. assignantes de 25%	

Comp. e impr. na Typographia Landolt—Barcellos.

A ALIMENTAÇÃO PUBLICA

E' este o problema que sobreleva a todos — o da alimentação pública. E muito embora haja gente que acima de tudo o que quer é enriquecer — sejam quaes forem os meios, sejam quaes forem os processos, ainda que entre estes figurem os mais ignobres e os mais indignos, como sejam os de mercadejarem com a miseria e os de fazerem com a falta de géneros a fome — é bem seguro que para todos quantos encaram seriamente a situação, o problema das subsistências é o UNICO que, no momento presente, a todos os outros problemas sobreleva.

Brinca-se com o problema da ordem pública e tem-se procurado, quasi apenas, adiar o que tem havido necessidade de se fazer hoje.

E brinca-se também com o problema da alimentação pública — nos ministerios, no alto commercio e nas ruas. Brinca-se com o problema da alimentação pública nas autoridades locais, no pequeno commercio e nas aldeias.

A situação, porém, é mais que séria, porque é perigosa. Brincar com a fome, não é bem o mesmo que brincar com o fogo... Brincar com a fome é desafiar classes inteiras, que se vão sentindo, de dia para dia, mais que impotentes para atenuar a crise que os impotentes recursos dos salarios lhes criaram e se vão criando, de dia para dia, uma atmosphera de terror, que quasi envolve já toda a gente!

Approximar-se a gente de um operario e ouvir o contar que ganhou cinco ou seis tostões, remedio mais que insufficiente para sustentar cinco ou seis pessoas da sua familia, — é sentir que, realmente, a crise é medonha e que, nos vamos approximando de um abysmo, de um abysmo triste — o abysmo que sepulta toda a gente, rica ou pobre, porque a miséria dos pobres nunca pode vir a tornar-se em abundancia dos ricos.

Em toda a gente ha creaturas que, tendo feita a meza, pouco se affligem que outros a tenham desprovida até de pão. Em toda a parte ha quem enche apenas de si, de se enriquecer a si proprio, não se importando de que as riquezas que lhe vão augmentar os cabedões tenham sido arrancadas ao estomago faminto dos miseraveis!

Nas nossas aldeias, aonde o povo por vezes se insurge contra a ganancia de encapotadas boas creaturas, que não põem duvida em romper ao manifesto tudo quanto colheram e que regateiam aos celeiros municipaes mais umas razas de cereal, com a mira de tudo venderem pelo dobro do preço aos açambarcadores — até ali foram preventidos, pela ambição dos lucros, as boas almas dos lavradores...

Vivemos dentro de um mar de consciencias preventidas pela ganancia, que mercadejam com tudo, com a fome e com a miseria alheia! ... E vive-se assim... até um dia

em que a miseria arraste tudo e todos!

Não se imagine que estamos aqui pintando quadros de lucto, ou que estamos reflectindo sobre tenebrosos sentimentos. Para quem entender que não é realmente assustadora a situação, apontamos o relaxamento criminoso com que todos tem feito face á crise da alimentação pública.

O milho, o centeio, o trigo, o feijão, a batata, o arroz, o assucar, o bacalhau, o azeite — tudo! — a que preços não tem ido tudo?!

Leis, regulamentos, instrucções, medidas das autoridades administrativas e camarárias, — tudo por todos tem sido olhado com irreffecto desde...

E precisa certa energia e muita lealdade, da parte de todos.

Fixam-se preços para os generos alimenticios, mas apenas no papel. Criam-se celeiros municipaes, com a facilidade de adquirirem, além dos cereaes, os generos de consumo de primeira necessidade, que podem por sua vez serem vendidos aos retalhistas, para estes fornecerem o publico pelos preços da tabella official. Ha apenas um comprador, em toda a parte, que são as Comissões Municipaes — as lúicas, que no dizer da lei podem comprar cereaes. Mas sabe-se — sabe-o toda a gente — que ha outros compradores que compram tudo, porque oferecem melhor preço que o das tabellas officiaes!

As autoridades sabem d'isto, sabem d'isto, os membros das Comissões Municipaes, mas ninguem procede rigorosamente. Se se pergunta aonde para o trigo e o centeio da presente colheita, ninguem dirá que foi adquirido pelas Camaras Municipaes, — e todos sabem que uma grande parte, se não for a maior parte, d'estes cereaes, já não está em casa dos productores.

Quanto aos generos alimenticios, a lei apenas diz que as Camaras os podem adquirir, que os podem fornecer aos retalhistas, para serem vendidos ao publico. Mas perguntando se aonde se adquirem taes generos pelos preços das tabellas officiaes, todos encolhem os hombros!

Não é pavoroso, tudo isto?!

O caminho a seguir é um só: O governo e as autoridades tem necessidade de optar por um meio: — ou fazerem-se claramente negociantes, comprando e vendendo por conta propria e neste caso fornecerem depois aos retalhistas os generos mais necessarios á alimentação pública, para que estes os possam vender pelos preços das tabellas officiaes, — ou tem de habilitar as Camaras com o fornecimento necessario dos mesmos generos alimenticios, para que estes, vendendo os

pelos preços das tabellas, façam concorrência ao commercio; e, n'este caso, teremos a liberdade do commercio, que ha quem aconselhe, como meio de evitar a grande falta de generos no mercado.

Este seria o meio que na pratica daria o melhor resultado.

Assim, como estamos, é que não vac bem.

E já que nos alongamos tanto, não fique o resto por dizer:

Sobre cereaes, como ficamos?

Compram as Camaras, ou continua a comprar toda a gente?

Comprando somente as Camaras, estarão asseguradas as necessidades do publico. Se porém continua a permittir-se que toda a gente compre, é contar que o açambarcamento continuará, pois já se diz que não ha batata, que não ha centeio e que não ha trigo. Os productos que n'esta occasião deveriam encher os mercados, porque a epoca da sua produção é esta!

Se continua a comprar toda a gente, fiquem as autoridades certas que com o manifesto dos cereaes ficarão logradas. Nunca chegam a saber qual foi a sua produção, porque o productor não dirá exactamente o que colheu, ou dá como cereal colhido aquelle que deixou de lhe ser comprado pelo açambarcador.

O productor já sabe dizer que aquelle que mais exacto for nos seus manifestos, será o que mais colheita fica!

E é uma verdade dura, esta, — mas é uma verdade. Nas aldeias, a ganancia dos açambarcadores, também pervertem muitas consciencias boas... E' necessario que se resolva esta questão, quanto aos cereaes: ou compram somente as Camaras e n'este caso quem mais appareça a comprar é perseguido pela lei, — ou compram todos e as Camaras terão de luctar contra enormes difficuldades para garantir o abastecimento dos seus celeiros.

Resolva-se este ponto, em quanto é tempo! Amanhã pode ser tarde.

Desde que, bem ou mal, se entenda que o mercado não deve ficar livre a todo o commercio, é preciso que o governo pense a sério em arranjar navios, comprados ou fretados, que vão aos mercados productores buscar os generos que não possuímos, para que não venha a succeder que, num futuro talvez proximo, nem harpo nem caro tenhamos meios de prover á alimentação pública.

Este problema sobreleva a todos.

Z.

NOTA—Ninguem dos boz fé podia ver, no abso artigo do ultimo numero, a asserção de que em Barcellos não havia negociantes serios e honrados. Ha-os e em grande numero, o que aqui, e com grande honra para elles, constatamos. Nunca o contrario quizemos affirmar, nem isso se pôde de modo nenhum deprender das nossas palayras.

Se alguma quiz malevolamente ahi encontrar o que nem estava no nosso escripto, nem nas nossas palayras, aqui fi-

ca a affirmação solemne do nosso respeito pela honradez e caracter da enorme maioria do commercio de Barcellos!

Quizemos apenas significar que nos pareceu ter havido a intenção de pôr o commercio a coberto de suspeições.

Mais nada.

A's Ave-Marias

Hora suave, hora santa,
Toda éxtasis, harmonias!
Hora das Ave-Marias,
Hora que tanto me encanta!

Vejo o Passado n'esta hora,
Triste, sombrio, pungente!
E o meu coração dolente
Do Passado se epamora.

Nas côres afogueadas
Que acobertam o sol poente,
Quem não vê, oh!, quem não sente
Esperanças amortalhadas?!

Nas andorinhas, que, aos pares,
Beijam, doridas, as flores,
Quantas — pobres! — quantas dôres,
Que tristezas, que pezares!

Mas... não importa!! Hora santa,
Toda éxtasis, harmonias,
Hora das Ave-Marias,
Hora que tanto me encanta!

Escondidos nas ramagens,
Fazem festas os pardaes!
Seus chilros, porém, são ais,
São suspiros, são imagens

Da morte, da sepultura!
E a minha alma, escuta triste,
E o meu coração persiste
Em amar a solidão pura!

Nos teixos do Campo-Santo
A ave triste já apparece;
Por seus mortos nunca esquece
Um gemido, um choro, um canto!

Hora suave, hora santa,
Toda éxtasis, harmonias...
Hora das Ave-Marias,
Hora que tanto me encanta!

Da salva as vozes perdidas,
Vozes que parecem queixas
ou merencorias endexas
Ao pôr do sol, dirigidas,

Deixam-me ficar extactico.
E o murmúrio das fontes,
E os endiaços das pontes
E o plátano cathedrático,

Tudo chora o fim da tarde
P'ra todos desilusões!
..... Em todos os corações
Edaz fúria também arde...

Hora suave, hora santa,
Toda éxtasis, harmonias...
Hora das Ave-Marias,
Hora que tanto me encanta!

Muito ao longe, na ermidã,
De ancha aldeia o bronze tange;
E' sempre assim que elle range
Ígneos sons que me dão vida:

Dão me vida ao pensamento
Estas nove badaladas...

Sonorosas, compassadas,
Amenizam meu tormento!

Quem, ao ouvir-as, não chora?
Quem é que se não descobre,
Murmurando a prece nobre
Que ao fiel o siro implora?

Quem se não sente impellido
A rezar a Ave-Maria,
Quando, na ultima agonía,
Ouve á noite o som querido

Ah! não... ninguém! Hora santa,
Toda éxtasis, harmonias...
Hora das Ave-Marias,
Hora que tanto me encanta!

Não posso esquecer-a, não!
Hei-de ama-la até á morte...
Não seguirei outro norte
Que me fira o coração.

Ai de mim, pobre, esquecido,
Que só vivo do Passado!
Meu martyrio prolongado
Tenho-o de ha muito escondido:

E' insondave' como o mar
E como o espaço, infinito...
Qual miseravel proscripto
Oh! levo a vida a sonhar!!!

Hora solenne, hora santa,
Hora que traz alegrias...
Hora das Ave-Marias,
Hora que tanto me encanta!...

Secção doutrinaria

O JUBILEU DA PORCIUNCULA

E' no dia 2 de agosto. As visitas podem ser feitas, desde o meio-dia do dia 1 até á meia-noite do dia 2. Os rev.ºs Parochos, porém, que assim o entenderem podem transferi-lo para o domingo immediato que, neste anno é em 5 de agosto.

Assim o permite S. Ex.ª Rev.ª, tornando extensivo ao presente anno o disposto em sua Provisão do anno passado.

Publicamos essa Provisão, que, *mutatis mutandis*, tem applicação ao anno presente:

«Para que os fiéis da nossa Archidiocese possam mais facilmente lucrar o jubileu da Porciuncula-que tem como tempo proprio o dia 2 de agosto, permitimos, em harmonia com o disposto no «Nota-proprio» de 9 de junho de 1910, que os Rev.ºs Parochos transfiram o dia jubilar para o domingo immediato.

Os Rev.ºs Parochos que queiram utilisar-se d'esta Nossa concessão devem avisar previamente os seus parochianos, para que todos lucrem no mesmo dia o referido jubileu, que é concedido uma só vez no anno.

O dia jubilar, n'este caso, começa ao meio-dia de sabbado e termina á meia-noite do domingo.

São tres as condições precisas para alcançar o mesmo jubileu: confissão, communhão e a visita ao templo, orando pelas intenções do Summo Pontifice.

Para a visita designamos as egrejas parochias, ou qualquer outra, onde se conserve o S. Sacramento, ou ainda as capellas publicas que distem entre si e da egreja parochial mais de dous kilometros.

Nas mesmas egrejas serão tambem feitas as visitas por todos os fiéis que no dia proprio queiram lucrar aquelle jubileu.

As preces podem limitar-se, em cada visita, a cinco Padre-Nossos e cinco Ave-Marias, ou a qualquer oração equivalente.

Ainda que não seja condição necessaria para lucrar o jubileu, deseja o Santo Padre que nas egrejas ou capellas designadas para as visitas se façam orações publicas, rogando pelo Summo Pontifice, pelo clero e pela egreja militante, terminando essas invocações pela invocação do seraphico S. Francisco, ladainha de todos os Santos e benção do Santissimo.»

Os pinheiros da Casa-de-Cóvas, de Goios

Já depois de impressa a 1.ª pagina, vieram informar-nos que a venda de pinheiros que vao annunciada na secção respectiva, ficou transferida para o 3.º domingo de Agosto, que é no dia 18.

Fica desde já feita a rectificação, chamando a attenção dos interessados para esta transferencia, que effectivamente será no dia 18 d'Agosto, no mesmo local e hora annunciados.

É preciso educar!

A educação tem por fim fazer dos homens membros uteis e felizes da sociedade.

Ha três modalidades ou especies de educação: a educação fisica, a moral e a intelectual. «Devem caminhar todas três a par, e não ha momento algum na vida em que se possa prescindir desta ou daquella, para só nos occuparmos da terceira.»

Ora, parece á primeira vista, e é este o grande mal dos educadores, que a educação fisica é de somenos importancia. Tal suposição é uma pura utopia. E para disso vos convencerdes basta que attendais ás palavras do grande psicólogo Guibert, no seu livro «A Educação da Vontade», cap. III. Diz o seguinte:

«Desfructais de boa saude, sentis intensa alegria de viver, dilata-se-vos o coração, circula-vos puro e abundante o sangue por todas as veias, tendes aliviada a cabeça, e os nervos n'uma calma e inquebrantavel quietação; numa palavra, estaes de bom humor?»

Tudo vos corre então as mil maravilhas, assim no moral, como no fisico; as vossas aspirações serão elevadas, decisivas e despidas de calculos mesquinhos as vossas resoluções; acometeréis as empresas mais arduas e far-se-vos-á facil a pratica dos mais custosos deveres.

Estais, pelo contrario, melancolicos, tendes o coração oprimido pela dor ou pela inveja, envenenado o sangue por uma nostalgia que sobre vós pesa, entorpecidos os nervos por um excessivo trabalho ou intoxicados, por uma perturbada circulação no sangue?

Então, tudo muda de aspecto. Repugnar-vos-á o trabalho; o esforço amedrontar-vos-á ficareis inativos ante o dever e queixar-vos-eis de que o ser moral, que internamente manda, não acha quem lhe obedeça.

E até algumas vezes amotinar-se-ão as paixões e a luta, dentro de vós mesmo, que parecer-vos-á sentirdes em vós dois homens, guerreando-se mutuamente.»

Visto a harmonia e intima dependencia entre o mundo moral e o mundo fisico, é, pois, necessario que o bom educador comece por ministrar uma sólida educação fisica.

Como é custoso saber educar! Se é difficil curar o copo d'uma doença qualquer, é muito mais difficil ainda impedir na alma o desenvolvimento de tendencias malevolas. Sim, ao lado das doenças do corpo ha tambem as doenças do espirito, e, como este é mais delicado, tanto maior dificuldade em o tratar.

Portanto, a missão dum educador, ou seja dum medico da alma, é muito mais árdua e escabrosa do que a missão dum medico do corpo.

E' do dominio de todos que as nossas energias moraes se distribuem por duas correntes; os polos que as atraem, são o bem e o mal. E como a difficuldade dum acto está na razão directa da sua perfeição, daí a maior parte das nossas energias, revelando a nossa impotencia, tenderem para o mal.

Isto é tanto mais manifesto quanto a fraqueza fisica, que actua poderosamente sobre os nossos dados moraes, sendo, por conseguinte, baldado todo o nosso trabalho se não ha um bom funcionamento do mundo fisico.

Paes e mães! Interpretai bem a vossa missão, porque o responsabilidade pesa sobre vós mais do que nunca. Se por ventura a desgraça entra na vossa casa, blasfemais immediatamente contra os vossos semelhantes, contra os dirigentes e até contra Deus. A onda do infortunio que vos assola desapiedadamente, não é mais do que o reflexo da vossa culpa.

Permitti que vos diga que esta densa nuvem de mal, que nos pretende estrangular no momento presente, poderia bem ter sido evitada por vós. E, se o não foi nem o é, tornar-vos-eis reus do mais

BANCO DE SEGUROS
(EM ORGANIZAÇÃO)
Rua Garrett, 74 (Chiado)—Lisboa
Capital: trez mil contos
Ações liberadas de 55000 reis. Titulos de uma, duas, cinco, dez e vinte acções.
Para subscrições do capital e mais informações n'esta villa, com Miguel Martinho de Faria
RUA D. ANTONIO BARROSO.

hodiundo crime que a Humanidade e a Patria jámais vos perdoarão.
Tendes vós, realmente, sido bons médicos da alma de vossos filhos?
M. Gomes dos Santos

O PADRE NA LINHA DE FOGO

Um amigo nosso, ha pouco chegado do front, contou-nos verdadeiros feitos de heroismo do padre-soldado, e em especial do padre-soldado portuguez.

No mesmo dia, se á memoria nos não enganar, traziam os jornaes a noticia consoladora de terem sido louvados e condecorados, em attenção á valentia que mostraram, por occasião da grande batalha de 9 de abril, alguns capellães militares, e entre elles, o prestigiosissimo Sr. Dr. Lopes de Mello. Venios, pois, que o commandante do C. E. P. propondo que padres catholicos sejam com toda a justiça agraciados, não commigam nas suas... faciosas e injustas dos redactores do «Mundo». Quanto se não tem feito contra a acção do clero na linha de fogo! Que série de imprecções e injurias se não tem encarado nas colunas da imprensa jacobina contra quem tão desinteressadamente cumpre o seu dever! Tartufos inconfessaveis, listroses abominaveis, cegos do odio das chafaricas maoicas, não venci como o padre tem conquistado um logar supereminente n'esta guerra, dando-lhe ate um caracter novo e singular? Bem diz o illustre publicista Maurice Barrés, referindo-se á transformação que se opera dia a dia na mentalidade franceza, que os soldados entreviram o reino de Deus sobre os campos da batalha: «Com toda a verdade, dizia-se tambem numa conferencia, realisada em Chicago, da qual um jornal catholico traduziu parte, que ha em França uma classe, como na guerra de 70, que se tem mantido sempre de pé, apesar de todos os sacrificios — o clero!»

E' ler as estatísticas da guerra actual, analisar bem o rol da honra e ver-se-ha quantos sacerdotes de todos os paizes conflagrantes tem perdido a vida e derramado o seu sangue pela defeza da Patria que tanto amam!

E' percorrer as linhas entrincheiradas, penetrar no sector destinado a qualquer nação, e ver-se-ha qual o heroismo, denodo e abnegação do padre.

E' ver com que carinho tratam os feridos e mutilados, com que solicitude o amor christão preparam os que estão prestes a partir para a grande viagem da Eternidade.

E' escutar as palavras consoladoras que dirigem aos combatentes, animando-os e encorajando-os, fallando-lhos de Deus e da oração, como base principal da victoria.

E' apreciar o zelo com que desempenham as funções sagradas, procurando

sempre que a ellas assista o maior numero de soldados, instigando-os e exhortando-os, na medida do possivel, á frequencia dos sacramentos.

Isto, para não fallar dos feligiosos e especialmente dos Jesuitas, cujo patriotismo attinge o extremo.

O seu gesto de verdadeiros defensores da Patria desmente altisonantemente as calumnias que por toda a parte a mao-naria lhes dirige, apodando-os de cobardes, de anti-patriotas, de inimigos da civilização, etc., etc. E quantos, quantos não tem testemunhado com a sua morte heroica o amor acendrado á Patria que lhes dera o ser, pronunciando ainda, entrecortado pelos ultimos suspiros e num transporte de religioso fervor, o seu nome bendito!

Os padres Jesuitas anti-patriotas?!... E logo que explodiu o terrivel cataclismo, tendo sido expatriados por um governo iniquo, os anti-patriotas francezes acorreram ao chamamento do dever, dum dever que eles com razão consideravam sagrado — o de acudir á sua douce France.

Os padres Jesuitas cobardes?!... E enquanto os raticoes desmiolados comprometiam a França, como o inditoso e já defuncto Bolo, ou como o preso e ignobil Caillaux, eles, os cobardes, morriam heroicamente batidos pelas balas inimigas. São sempre da mesma loiça os jacobinos. Não mudam. Mas um dia virá, em que a Historia imparcial e sincera fará justiça a quem a ella tem direito. Ver-se-ha, então, quem são os anti-patriotas, os cobardes, os comodistas, os fargantes do execravel principio: — vdmos para a guerra: P. parti já! Com certeza que a Historia não porá em pratos limpos. E não temamos que venha desdoirar os catholicos da a Egreja com o seu poderoso anathema! Ela ha-de ser uma apothose ao denodado esforço dos catholicos da hora presente, e um canto triumphal á attitude intangivel de S. Santedade perante as nações belligerantes.

Como nos dias lugubres e tristes da revolução de Julho de 1848, em que refulgem os nomes do dois Arcebispos de Paris, Mons. Affre e o seu successor Mons. Darbois, mortos heroica e resignadamente ás mãos da Rua, por progarem á ordem no meio da revolução, assim a Historia apresentará aos vindouros o nome de Bento XV como o grande Pai e Amigo de toda a Humanidade; e o de muitos padres e religiosos como mártires do dever e da Patria.

P. S. — A nossa última carta saiu abrada, e bastante, sobretudo na pontuação. A mesma coisa aconteceu com o soneto, no qual saiu uma gralha de... Queiram, pois, emendar os leitores, na quarta estância, para: — Pó-e só pó?!... Mentira! Temos a alma... Assim fica certo.

cartões de visita
Na Typographia Landolt, BARCELLOS

OS INTIMOS

Principios em que se baseia a reorganização do grupo — OS INTIMOS:

I—Aproximação moral da mocidade portuguesa. — «Todos por um e um por todos»:

—Desde os meios pequenos até aos maiores centros, na Família como na Escola e na Universidade, é necessário modelar caracteres e orientá-los no mesmo principio.

A família portugueza ha-de ser primeiramente educada nos principios da moral colectiva e só depois poderá constituir um organismo capaz de se manter no equilibrio das nações.

II—Ressurgimento e educação no sentimento nacional:

—Portugal rejuvenesce na alma juvenil duma raça de bravos que darão a Patria um futuro melhor!

Uma legião de novos ha-de reagir com uma força e constancia inabalaveis e conseguirá o ressurgimento do velho Portugal. Velho, não pelos annos, porque a sua existencia ha-de ser ainda muito longa, mas pelo esforço que dispendeu em favor da Humanidade. Quem deu mundos novos ao mundo e maiores horizontes á civilização?!

—Portugal tem razão de existir, mas é preciso crear e orientar vontades, decidir energias e nobilitar acções!

III—Glorificação dos grandes vultos nacionais, sem quem poder não tem a morte!:

—É preciso respeitar as cinzas dos nossos antepassados illustres.

A essencia dos valerosos portuguezes doutros tempos ha-de vivificar as nossas energias amortecidas. «Esse exercito de grandes testemunhas que são os grandes mortos auxilia-nos a ferir o hom combato».

IV—Cultura da vontade:

—A nossa personalidade moral manifesta-se na actividade voluntaria.

O homem é julgado pela sua conducta, não pelas suas ideias ou sentimentos. Tudo depende de nós, se o quizermos. Mas não basta dizer:—Eu quero! É preciso sentir o que se quer, fazendo actuar nessa direcção todas as nossas energias. «Quero! Sublime palavra quando corresponde a um sentimento verdadeiro! Ter a fé que resolve o mundo e transforma as sociedades, ter a vontade enérgica e consciente que não conhece obstáculos eis a felicidade!

V—Activação da energia por um aumento regulado e prudente:

—«O lugar que cada homem occupa na hierarquia social, depende da quantidade de energia que possui». Quer dizer, o homem vale tanto mais, quanto mais actividade desenvolver.

—Uma juventude mais ou menos fatigante fortifica a saude, amina os sentimentos e forma o espirito.

A felicidade está ligada a uma actividade agradável e voluntaria, que muitas vezes nos faz esquecer as misérias da vida.

O vácuo da nossa alma só pôde ser preenchido por um lavor enorme e diligente.

VI—Desenvolvimento da camaradagem:

—Devemos pôr em contacto os nossos sentimentos e impressões porque aos grandes movimentos do pensamento, no mundo excitados, não o foram pela comunicação dos conhecimentos mas sim pela comunicação de um amor ardente pela verdade ou por uma grande causa e pela comunicação de belos métodos de trabalho; nunca palavra, a influencia nada obtem sendo do homem para homem, de alma para alma.»

Só seremos felizes na comunhão fraterna dos verdadeiros amigos, intimamente ligados, pelos laços da pura amizade e camaradagem.

G. S.

Os Centros Catholicos

Paiva Couceiro

O Centro Catholico de Cambres, que convidou o grande portuguez Paiva Couceiro para d'elle fazer parte, recebeu d'este valoroso official, que nos sertões da Africa defendeu heroicamente a nossa Patria, a seguinte carta, que é indubitavelmente a affirmação categorica do valor dos Centros, que tem as bençãos e a approvação do episcopado portuguez:

III.ª e Ex.ª Direcção do Centro Parochial de Cambres:

Com a fé de Christo construíram os antigos portuguezes em Portugal, bem mais respeitado e próspero do que o presente. Porque o segredo da força das Nações está nas virtudes do Povo, e não ha maiores virtudes do que aquellas que se inspiram na Fé e na Moral de Christo. Infiltrar no mimbo de todos essa Fé, e essa Moral, é, por consequencia, obra altamente patriótica. É estimular pela base as forças espirituas que fizeram a parte mais brilhante, mais fecunda e mais feliz, de toda a nossa historia. E é obra de Deus, ao mesmo tempo, e que Deus hade auxiliar e abençoar no seu desenvolvimento e no conseguimento dos fins a que se propõe.

Mettendo os hombros a uma iniciativa de tanto alcance, e tão necessaria ao ressurgimento nacional, a Direcção do Centro Catholico de Cambres adquire titulos de benemerencia.

E n'estes titulos me offerece partilha, quando me acolhe como membro da sua aggregração.

É a mim, pois, que me compete agradecer, com todo o reconhecimento que devo a quem de tal maneira me distingue e me honra.

Assim, o faço n'estas breves palavras, aproveitando com intimo prazer o ensejo para manifestar os sentimentos de alta consideração e d'especial apreço com que sou de V. Ex.ª

Att.º Ven.º

Junho, 130—1918.

Paiva Couceiro.

Echos & Noticias

Collaboração

A «Accção Social» honra-se hoje — e com a honra de um illustre official de guerra, que frequenta a Escola de Cambres e que desempenhou um papel importantissimo de destaque, no movimento de libertação do zembro, sendo encarregada de proporcionar o transporte para os soldados portuguezes, que pugnavam pelo restabelecimento da ordem e pela morte do demagogo.

D'uma carta que recebemos, juntamente com o original, transcrevemos estas nobres palavras:

«... Parece-me que tudo está dentro da orientação que tem tomado o seu jornal e que é de facto a mais perfeita e patriótica.»

Não calcula quantas occupações eu tenho e contudo não desisto um só momento de pugnar pela integridade d'este país, acima de toda a politica.....»

Apresentamos os nossos agradecimentos ao sympathico official, que deve ao seu esforço e á sua intelligencia tudo quanto é e quanto é justo esperar venha a ser, porque de seus paes herdou apenas a honradez e a educação christã, porque são muito pobres e de condição humilde.

O conflicto da Ucha

N'este conflicto, que é narrado de varios modos, segundo o paladar de quem o narra, houve apenas dous óbitos e não trez, como no nosso ultimo numero dissemos. Fica assim restabelecida a verdade dos factos.

Em Lisboa

Foi á capital o nosso presado amigo, sr. João de Sousa, honrado negociante.

Festividade

Em S. Thiago de Aldreu, realisa-se hoje uma solemne festividade em honra do apostolo S. Thiago.

Tomam parte n'esta grande festividade duas bandas de musica. De manhã, ha sermão e missa cantada e de tarde procissão.

Ha tambem grande arraial e mui concorrida feira de gado.

No Bussaco

Encontra-se n'esta aprazivel e pittoresca estancia, o nosso presado amigo João Carlos Vieira Ramos, gerente do Banco de Barcellos.

Vimos uma photographia que este nosso querido amigo tirou, em meio das copadas arvores que enfeitam aquelle encantador local, que as mãos dos frades desbravaram e embellezaram, e achamo-lo de apparencia excellent.

Mais nos regosijou ainda a sua confissão de que se encontra muito bem disposto e que tem obtido consideraveis melhoras.

Que venha, pois, para o convivio dos amigos, que anseiam abraça-lo.

Doente

Continua ainda muito doente o sr. Antonio Ribeiro Alves Fernandes.

Todavia, depois de uma operação feita pelo dr. Alberto Ribeiro, do Porto, que teve como assistentes os srs. drs. Miguel Fonseca e Mattos Graça, veio para os seus inumeros amigos a fagueira, grata e acariciadora esperanza de que, com a espectativa da sciencia, que julgou o seu estado desesperado, em breve o podíamos abraçar, completamente restabelecido.

Continuamos a não esquecer em nossas orações, e a fazer votos ardentes por o vermos de novo no convivio dos seus amigos.

Uma auctoridade assassinada

O regedor da freguezia da Pouza, Antonio F. Ribeiro, cavalheiro respeitado e conciliador, teve de intervir em uma desordem, que tinha o deus Baccho por origem.

Os desordeiros espancaram valente e traçoicamente a auctoridade, que, depois de alguns dias de soffrimento, bem torturante, veio a fallecer.

Os principaes auctores do barbaro crime, entre os quaes está um militar ha pouco regressado de Africa, estão presos e encarcerados sem fiança.

Santificou a morte do inditoso F. Ribeiro, o Eira-Velha, que era um homem de bem.

Para França

Seguiu para França o nosso illustre patrio Francisco Philippe dos Santos Caravana alféres de engenharia, filho do judante de confador e nosso amigo David de Sousa Caravana.

Como acompanhamos com admiração a brilhantissima carreira que fez, desde os primeiros exames, revelando-se sempre estudante intelligentissimo e laureado, assim agora fazemos votos muito sinceros por que em breve volte dos campos da batalha aos enlivos da familia e dos estreimentos dos amigos, coberto de louros por ter concorrido para o engrandecimento da Patria.

Louvôr

No quartel general territorial do C. E. P. foi affixado o seguinte louvôr:

«Louvando o capellão e equiparado a alféres José Manoel de Sousa, pelos relevantes serviços que prestou aos feridos que foram pensados em Les Lobes, durante o combate de 9 de abril ultimo e pelo empenho que demonstrou na tentativa de enterramento dos mortos, que haviam sido em Zelétes, pelo que demonstrou em tudo, a par da maior coragem e serenidade, a mais elevada e nobre comprehensão dos seus deveres ecclesiasticos.»

Já aqui prestamos o preito da nossa admiração, ao termos conhecimento dos actos de coragem e caridade, que muito enobreceram o rev.º Abbade de Gemezes, e agora folgamos em registar o louvor official que acaba de receber.

Enfermo

Ainda continua enfermo o sr. D. José Doménech, coração bondoso e caritativo, dotado d'uma grande actividade, a quem Barcellos conta com justiça no numero dos cidadãos mais prestimosos.

A visitar o illustre enfermo, esteve n'esta villa o sr. dr. João Cardoso d'Albuquerque.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

Falta de trocos

É enorme a falta de trocos, prejudicando muito as transacções de pequeno volume.

As moedas de centavo... são como os corvos branco.

As de quatro centavos... vão para os colleccionadores.

As moedas pequenas, de prata, do tempo da monarchia... recolhem-se.

O cobre vae para Hespanha.

São precisas providencias, mas sem demora.

Associação Commercial de Barcellos

«SOPA DOS POBRES»

—Os donos dos talhos da nossa terra, tem continuado a prestar um valiosissimo auxilio a esta instituição, concorrendo a ex.ª sr.ª D. Anna Carvalho, Manoel e João Carvalho, com meio kilo de carne diariamente, a ex.ª sr.ª Julião Ramos, com um 1/2 kilo por semana. São dignos de maior elogio.

Continuação dos donativos:

—Padre Arthur Guimarães, director da Officina-Asylo do Menino Deus, d'esta villa, 2500;

—D. Georgina Mélo, uma boroa de pão e hortaliça;

—D. Violante Cardoso, uma boroa de pão;

—D. Maria Paz Ramos, hortaliça;

—Padre Joaquim Alexandre Gaiollas, uma porção de feijão;

—D. Irene Garrido, um kilo de carne e um garrafão de vinho;

—Uma anonyma, duas boroas de pão.

—Dr. Luiz Ferreira, dois garrafões de vinho;

—D. Matia do Carmo-Caravana, carne, massa e um garrafão de vinho;

—D. Henriqueta Guimarães Azavedo, hortaliça.

Exame distincto

Na Universidade de Toulouse (França), concluiu com distincção o curso de engenheiro-electricista, o nosso presado patrio, sr. Abel Pêgo Fiuza, filho do finado sr. Antonio Vieira Fiuza.

Desde os seus primeiros estudos no antigo Externato Barcelloense, o sr. Abel Fiuza, alma da sua viva e perspicaz intelligencia, deu sempre as melhores provas d'estudo assiduo, sendo considerado, sem favor, um bom estudante, pelo que facil era de prever que obteria Lourosa

classificação ao terminar a sua carreira litteraria.

Ao laureado engenheiro e illustre barcelense, os nossos effusivos parabens.

Benemerencia

O sr. Antonio Xavier da Costa Lima, nosso patricio auzente no Rio de Janeiro, contemplou com 23500 o Recolhimento e com igual quantia a Officina do Menino Deus.

«O Espectro»

Na vizinha villa de Espozende, começou a sua publicação um novo jornal, intitulado «O Espectro».

Promette afastar-se da politica de campanario, acanoro de todas as sociedades, integrando-se n'um lema de independencia que não exclue o facto de emitir ou ter opiniões em face dos altos problemas do Estado.

Apresenta-se bem redigido. E' seu Director o sr. Adelio Ferreira Lima.

Desejamos-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Pharmacia A. de Faria

Rua Infante D. Henrique—Barcellos
de Antheo de Faria.
Pharmacutico-Chimico

Completo sortido de todos os artigos que guarnecem uma boa pharmacia.

SERVICIO PERMANENTE

O concelho de relance

Campo.—Foi viaticada a sr.^a Custodia de Freitas, sogra do presado amigo sr. Francisco Pinheiro Barbosa.

—A sr.^a Anna Duarte Pinheiro esteve incommodada, encontrando-se melhor, felizmente.

—Tambem tem tido que ver, com entores e forimentos nos pés, nada menos do que os srs. Joaquim Ferreira Coelho, Francisco M. da Costa, José de Campos, Maria Alves, e a esposa do sr. Francisco Pereira.

—Apezar de tudo o optimo o estado sanitario d'esta freguezia. Pela variola só foi visitada uma creança, que já está boa; e a gryppa hespanhola mal tocou em cinco ou seis pessoas e passou. Seja Deus louvado.

Quereis uma installação electrica barata?

“Instaladora”

Largo Bom Jesus da Cruz, 14-1.^o
Façam os seus seguros na Companhia

“Atlantica” QUE SEGURA:

—predios, contra o risco de incendio, ao premio de 100 reis por cada 100\$000;
—e mobilias, ao premio de 125 reis cada 100\$000 reis.

Querem cartões de visita?
Typ. Landolt—Barcellos.
Rua de S. Francisco, 36.

MERCARIA 1.^o DE DEZEMBRO

de Sebastião Pereira de Brito

Chá, café e papelaria. Arroz, assucar e bacalhau. Azeites especiaes. Massas de superior qualidade. Deposito da Companhia Velha do Alto Douro. Bolacha fina, biscoitos de Vallengo Louças e vidros. Farinhas de trigo e sementes e muitos outros artigos.

BARCELLOS

Oculos medicinaes

Preparam-se com todas as substancias requisitadas.

Na Pharmacia Faria

BARCELLOS:

Rua Infante D. Henrique

Lampadas “Philips,”

Vendem-se no estabelecimento de ferragens de **H. Coelho Gonçalves** Por preços módicos.

ANNUNCIOS

Agradecimento

O major Mancellos Sampaio, agradece por esta fórma—do coração—as attenciosas deferencias que lhe prestaram por morte do seu pequenito filho Luiz.

16—VII—1918.

Taboado de pinho, muito secco

(BITOLA DE SOALHO)

Vende-se.—Fallar n'esta redacção.

Pinheiros

Está marcada uma partida de pinheiros, pertencente á familia Figueiredo, da Casa de Cúvas, na freguezia de Goios; os quaes poderão ser examinados desde já pelos pretendentes.

Os referidos pinheiros serão postos á venda no escriptorio do ex.^{mo} sr. dr. José Ramos, domingo, 28 do corrente, pelas 12 horas-officiaes, sendo as condições lidas á abertura da praça.

Dá informações n'esta villa, José de Figueiredo.

Barcellos, 16 de Julho de 1918.

Cal, sulfato e enxofre
(Cal especial para sulfato)

Vende-se, sem competencia, no estabelecimento de ferragens de **Manoel Alves Coutinho.**

13:000\$00

Ha para dar a juro com hypotheca, na Misericordia de Barcellos.

“Acção Social”

O jornal de mais larga tiragem e circulação do concelho de **Barcellos**

Iorrenina Faria

—Combate a anemia, raquitismo, escuraphubse e limphatismo. E' o mais poderoso e rapido reconstituente nas doencas de nutrição. Á venda na **PHARMACIA A. DE FARIA**

Rua do Infante D. Henrique
Barcellos.

ATLANTICA,

COMPANHIA DE SEGUROS capital—500 contos

Sede: Porto-Loyos, 92 AGENCIA: Porto, Infante D. Henrique, 93

TELEPHONES (Administração 1:986, Secção Expediente 1:306) Secção Maritima 2:10, Agencia 1:897

Delegações e Agencias em

Lisboa	Barcelona	Athenas	Funchal
Londres	Vigo	Bordeus	Ponta Delgada
Pariz	Genova	Marselha	Horta
Christiania	Palermo	Havre	Ilha de Cabo Verde
Stockolmo	Petrogrado	Tupis	de
Copenhague	New York	Alger	Ilha de Santa Maria
Madrid	Boston	Malta	

1:800 CORRESPONDENTES NO PAIZ

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, granizo, inundações.

Seguros maritimos contra todos os riscos.

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA

Sinistros pagos em 1916—153 contos

Banqueiros:

J. M. Fernandes Guimarães & C.; Joaq.^m Pinto Leite, Filho & C.—Porto Banco Nacional Ultramarino; London County & Westminster Bank; Pinto Leite & Nephews—Londres Crédit Lyonnais—Pariz; Revisions Bank—Copenhague. **ESTA COMPANHIA** está em relações com Companhias Inglezas, Francezas, Italianas, Russas, Dinamarquezas, Suecas, Norueguesas, Americanas e Hespanholas.

CORRESPONDENTE EM **Barcellos:**

João de Sousa

RUA D. ANTONIO BARROSO, 15

Compra de pinheiros Pedimos aos

srs. proprietarios o favor de nos avisar quando tenham alguma partida de pinheiros para vender.

Lembramos tambem que a melhor forma de os vender é por arrematação, reservando os srs. proprietarios o direito de os não entregar quando não atinjam preço que lhes convenha.

J. Salort y C.^a e Liq.

ESTABELEGIMENTO DE FERRAGENS

CAMPO da REPUBLICA **Manoel Alves Coutinho**

Barcellos

Sortido completo de ferro, ferragens, aço, arame zincado, vidraria, molduras, etc. etc. Deposito de cal e adubos chimicos. Tambem tem á venda camas de ferro.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

“AS PEROLAS DO MINHO”

Folk-Lore de costumes e tradições da provincia do Minho

Desde já se reservam pedidos:

Em casa do auctor: Junqueira, 14—Póvoa de Varzim. Tambem se accitam pedidos na Typographia Landolt—Barcellos